

#EUEMPREGADADOMÉSTICA: MULHERES, LUTA DE CLASSES E RESISTÊNCIA

Ana Paula Picagevicz¹

Andriele de Chaves Bortolin²

Dantielli Assumpção Garcia³

Resumo: O objetivo deste trabalho é compreender, por meio da análise de uma fotografia e de uma charge, recortadas da comunidade virtual do *Facebook* intitulada #EuEmpregadaDoméstica, a relação existente entre imagem e memória. Pensamos em uma memória que é discursiva e também digital, conceito postulado por Dias (2018), já que vivemos na era cibernética e os discursos que irrompem no/do ciberespaço circulam veloz e efemeramente por ele, produzindo um embate entre classes pelos movimentos sociais que dele irrompem. O trabalho está ancorado nos pressupostos teóricos-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, especialmente, no que tange às noções de memória discursiva, tomando como base Courtine (2009) e Pêcheux (2014; 2015) e memória metálica/digital, conforme Dias (2018). Também, abordamos o imbricamento de diferentes materialidades significantes, assim como postula Lagazzi (2009; 2013). Como resultado, buscamos mostrar como os movimentos de mulheres legitimam luta e resistência frente à dominância social imposta pelo capitalismo.

Palavras-chave: Discurso. Memória digital. #EuEmpregadaDoméstica.

#IHOUSEKEEPER: WOMEN, CLASS STRUGGLE AND RESISTANCE

Abstract: The purpose of this paper is to understand, through the analysis of a photo and a cartoon, withdrawn from Facebook virtual community entitled #IHousekeeper, the relation between image and memory, and more, a memory that is both discursive and digital, concept postulated by Dias (2018), since we live in the cyber age and the discourses that erupt in / from cyberspace circulate in a fast and ephemeral way through it, producing a clash between classes by the social movements that erupt from it. Therefore, it was based on the theoretical-methodological assumptions of French Discourse Analysis, especially in reference of the notions of discursive memory, based on Courtine (2009) and Pêcheux (2014, 2015), and metal /digital memory, with Dias (2018). Besides, we worked with the imbrication between different signifying materialities, as postulated by Lagazzi (2009, 2013). As a result, we sought to show how women's movements legitimize struggle and resistance against the social dominance forced by capitalism.

Keywords: Discourse. Digital memory. #Ihousekeeper

1 Doutoranda em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e-mail: andrieledechaves@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9658890895067738>.

2 Doutoranda em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e-mail: ana.paula17021986@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9529086504540320>.

3 Docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, pós doutora e bolsista produtividade Fundação Araucária, e-mail: dantielligarcia@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4595437339696603>.

Poeta!
Não queixas suas aflições
Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos, para eles, são lendas.

(Carolina Maria de Jesus)

Palavras iniciais

Os movimentos de mulheres, no Brasil, além de abarcarem discussões sobre a equidade entre gêneros, ganharam força e tornaram-se também uma grande luta pelos movimentos sociais. Como exemplo, citamos a maior manifestação de rua liderada por elas no ano de 2018, intitulada #EleNão, bem como o movimento #EuEmpregadaDoméstica⁴, iniciado em 2016, observatório de análise deste artigo.

Tais movimentos têm ganhado visibilidade a partir das mídias sociais disponíveis no ciberespaço, facilitando o processo de produção de sentidos por meio de discursos que nelas circulam e que põem em funcionamento o ideológico e o político, bem como as relações de forças mostradas pelas lutas de classes em um movimento de resistir no/pelo discurso.

Quando Pêcheux pensa em resistência no discurso, ele postula, já no final do Anexo III, *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, um de seus primados: “Não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (PÊCHEUX, 2014, p. 281).

Nessa perspectiva, o *corpus* deste trabalho constitui-se de materialidades que circularam/

4 Comunidade virtual criada no *Facebook*, em julho de 2016, pela professora, ativista, *rapper*, poetisa e ex-empregada doméstica Preta Rara (Joyce Fernandes). Tem como objetivo, conforme consta em sua descrição, compartilhar experiências de humilhação e exploração social, sexual ou emocional sofridas por empregadas domésticas e “incentivar as pessoas contarem os seus relatos ou relatos das mulheres de suas famílias que já foram ou são empregada doméstica [sic]”. A comunidade conta com mais de 160 mil seguidores e discute, também, outros assuntos da esfera social.

circulam em uma comunidade/movimento do *Facebook* intitulada #EuEmpregadaDoméstica e que renderam muitos *likes* e comentários para os *posts*. Visamos analisar, especificamente, o corpo negro como sendo “pertencente” historicamente à classe de empregadas domésticas do Brasil, isto é, às mulheres que ainda fazem parte da “senzala”, já que, conforme escreve Preta Rara, moderadora da página: “a senzala moderna tornou-se o quartinho da empregada”.

Para isso, nos pautamos nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria materialista do Discurso, doravante AD, iniciada por Pêcheux na França e desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil, caracterizada como uma disciplina de entremeio, pois é composta pela tríplice aliança teórica constituída pela Linguística, pelo Materialismo Histórico e pela Psicanálise.

Imbricaremos, em um movimento teórico e analítico, as noções de memória no ciberespaço, quais sejam a de memória discursiva, tomando como base Courtine (2009), Pêcheux (2014, 2015) e Indursky (2011), bem como de memória metálica/digital, com as postulações de Dias (2018). O entrecruzamento dessas memórias no espaço digital produz o efeito de sentido de resistência e significam os sujeitos e os sentidos, e, portanto, não há como deixar de lado o político, uma vez que as relações sociais são pautadas em relações de força e em ideologias que perpassam as dominantes e aquelas que são dominadas. No movimento analítico, tomamos a imagem como produtora de memória e como uma materialidade significativa que produz efeitos de sentido no ciberespaço.

Memórias no/do ciberespaço

A *internet* é a forma de tecnologia que surgiu para revolucionar o mundo nos últimos tempos, pois, por meio dela, muitos discursos circulam com uma nova configuração de produção

e se materializam por meio de textos. Neste trabalho, tomamos a charge e a fotografia como textos compostos por diferentes materialidades significantes, conforme Lagazzi (2009), e que não podem ser compreendidos como unidades fechadas, mas como “peças” de linguagem dotadas de significação (ORLANDI, 2001, p. 65), que circulam nas telas dos *smartphones*, *tablets* ou computadores e que se replicam abundantemente nesse espaço de produção de sentidos.

Esse espaço de produção de sentidos é regido por uma memória metálica, a memória da máquina, conceito inicialmente postulado por Orlandi (1996) em *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho no simbólico*, para compreender as novas formas de linguagem e por Dias (2015, 2018) que vem desenvolvendo uma série de trabalhos nos quais propõem avanços neste importante conceito àqueles que se debruçam sobre os discursos que circulam na/em rede.

Orlandi (2012), ao tratar da memória metálica, nas suas primeiras discussões, referiu-se às telenovelas, que, segundo ela, não abriam espaço para a produção do novo e da interpretação, pois os enredos eram sempre os mesmos, ou seja, as mesmas histórias se repetiam, alterando somente as personagens. Sendo assim, o que funciona(va) era uma memória horizontal, achatada e, especialmente saturada, na qual o eixo da constituição não era afetado.

Uma formulação se transforma em várias outras sem que se toque no domínio da constituição, onde um sentido poderia vir a ser outro, na sua historicidade. Produz-se assim uma memória achatada, horizontal. [...] Não há espaço para interpretação, há uma trama enredada que impede o acesso à profundidade da rede de filiações (historicidade) justamente porque a simula, porém na horizontalidade. [...] por um efeito paradoxal, enquanto acontecimento, ela própria, a *Tevê* metaforiza a relação do homem com a linguagem. Ou melhor, ela se faz metáfora. Aí está o fato na história: o do homem se significar por essa linguagem que apaga a memória histórica e a substitui por uma memória metálica. Nesse lugar o homem põe uma combinatória infundável de sinais à qual se liga. E é isto afinal o que se historiciza (ORLANDI, 2012, p. 182).

Tratava-se, portanto, de uma memória que repete e não constrói redes de significação, nas palavras da autora. Dias (2015) argumenta que a memória metálica, por possuir essa característica de repetibilidade, faz com que os dizeres retornem no intradiscorso e não produzam profundidade, porque a linguagem artificial é produzida com um fim específico, podendo, desse modo, a identificação se dar de muitas formas, pois a máquina pode prever ou saber o próximo passo a ser dado pelo sujeito e o que ele sente. Isso se dá, conforme Dias (2018), pelo fato de esse tipo de memória viabilizar uma infinidade de dados e de combinações. Contudo, isso não implica dizer que também, no ciberespaço, a memória discursiva não funciona imbricando-se à memória da máquina. Para a autora, a memória metálica é a base do discurso digital e “se constitui pelo excesso, acúmulo, quantidade e não historicidade, acumula e não esquece” (DIAS, informação verbal (vídeo) 1’12”). Em poucas palavras, trata-se de uma memória que acumula e armazena uma grande quantidade de dados.

Já a memória discursiva diz respeito “[...] à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 106). Nessa perspectiva, ela não pode ser entendida como uma memória que é individual, psicologizante, mas como constitutiva do processo discursivo.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015, p. 46).

O sujeito produz o discurso a partir de já-ditos, repetidos, retomados e relançados à circulação na forma do discurso “novo”: “[...] a memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao

que pode ser dito em uma FD e por essa razão é esburacada e lacunar” (INDURSKY, 2011, p. 86). Trata-se de uma memória que está sujeita às falhas, ao equívoco, a furos, já que o sujeito é interpelado pela ideologia e se inscreve numa dada formação discursiva a depender da sua posição-sujeito.

Importante ressaltar que o interdiscurso e a memória discursiva não têm o mesmo funcionamento, pois enquanto o primeiro reúne todos os discursos já produzidos “[...] antes, em outro lugar e independentemente, sob o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2014, p. 149), a memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos (COURTINE, 2009, p. 106). É ela que permite ao sujeito fazer “escolhas” (inconscientes), dentro do arcabouço de discursos “esquecidos” existentes no interdiscurso e inscritos em uma ou mais formações discursivas, aquele com o qual se identifica, colocando-o novamente em circulação.

Dessa maneira, memória metálica e memória discursiva imbricam-se no momento de produção de sentidos no espaço digital, uma vez que, por mais que esse espaço seja regido pela memória artificial, ele é atravessado pela memória discursiva, pois algo só pode ser formulado e posto em circulação, porque já foi dito antes.

Dias (2018) pensando no funcionamento das redes sociais e dessas memórias que nela se imbricam, ao tratar dos movimentos sociais que circulam constantemente nesse espaço de produção e circulação de discursos, e que para nós é o que interessa especialmente neste texto, toma a memória como *digital*. Para a autora, “a memória digital seria, pois, o lugar da contradição, no qual a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105). Trata-se de uma memória que

funciona no espaço digital e cujo funcionamento pode ser observado, por exemplo, no interior dos movimentos sociais que se organizam na rede e buscam urgência, nesse espaço de produção/circulação de sentidos pautado na velocidade e no imediatismo.

Por meio dessa memória, concorrem aquilo que é horizontal, achatado e saturado (memória metálica) e aquilo que falha, é lacunar, passível de equívocos (memória discursiva), justamente porque a configuração de movimentos sociais, conforme mostraremos nas análises, sofreu alterações com o surgimento das novas tecnologias digitais, uma vez que as demandas mudaram e esse espaço permite reivindicações, luta por meio da unidade de sujeitos que representam classes sociais. Há, então, a relação de urgência e velocidade das redes sociais, da máquina, daquilo que cabe ao tecnológico, mas também a produção de discursos que se voltam para a luta, àquilo que compete ao social, aos movimentos, aos coletivos.

O (dis) curso da imagem

A imagem é discurso, não há dúvidas, mas refletir sobre isso nos leva a compreender as noções de forma material proposta por Orlandi (1995) e de materialidade significativa trabalhada por Lagazzi (2009; 2011).

A AD, ressalta Orlandi (1995), além de aceitar a existência de diferentes linguagens, e entendemos a imagem como uma delas, preocupa-se em investigar o seu funcionamento, o que há de característico nelas. De acordo com Davallon (2015), a imagem é capaz de se inscrever em uma memória, pois funciona como um operador de memória social. Quando o autor discorre sobre ela, pensando nas questões voltadas à publicidade, argumenta que a imagem trabalha junto do enunciado linguístico de determinado produto, porque é capaz de fazer seu leitor memorizar aquilo que vê e posicionar-se

enquanto consumidor. Todavia, mais do que isso, a imagem não serve somente para representar algo, porque:

[...] aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue toda pronta. Esse estado de coisas abre, como aliás insistem em nos fazer observar, a uma liberdade de interpretação (o que quer dizer que o conteúdo 'legível', ou antes 'dizível', pode variar conforme leituras). [...] ela assinala um certo lugar ao espectador (DAVALLON, 2015, p. 26-27).

O sujeito interpelado ideologicamente interpreta uma imagem de acordo com sua posição, uma vez que, “diante de qualquer objeto simbólico, o homem, enquanto ser histórico, é impelido a interpretar, ou em outras palavras, a produzir sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 44). Na fotografia e na charge analisadas, o não verbal não funciona à parte, mas em conjunto com a linguagem escrita, produzindo interpretações variadas a depender da posição ocupada pelo sujeito que produz o discurso ou o interpreta.

Dessa forma, de acordo com Lagazzi, “[...] não se trata de analisarmos uma imagem e a fala e a musicalidade, por exemplo, como acréscimos uma das outras, mas sim de analisarmos diferentes materialidades significantes uma no entremeio da outra”. (LAGAZZI, 2011, p. 402, grifos da autora). Trata-se, portanto de trabalhar o imbricamento dessas diferentes formas materiais, sem pensá-las como sobrepostas umas às outras, mas na sua relação com a história para o processo de produção e significação dos sentidos na/pela teoria da interpretação.

Para Cavalcanti e Azevedo (2018, p. 242), o discurso imagético é dotado de historicidade:

[...] com seu caráter de incompletude e atravessado por discursos outros que constituem sua discursividade. [...] no funcionamento das materialidades imagéticas, existem possibilidades diversas de leituras, gestos de interpretação distintos, um olhar multidirecional, uma desestabilização do

trabalho de interpretação, possibilitando o múltiplo. Por causa dessa pluralidade, a imagem é um discurso de caráter heterogêneo.

Como postulam as autoras, a imagem é heterogênea, pois é passível de múltiplas interpretações e sua discursividade se dá pelo atravessamento de outros discursos que trabalham sobre a cadeia significativa de sentidos, ou seja, há um trabalho do simbólico na história que formula sentido.

Ela é atravessada por discursos, uma vez que permite retornos a dizeres presentes no interdiscurso para que sejam colocados em funcionamento e circulação. Por isso, a ligação com a história, pois a produção de efeitos de sentidos depende de algo que lhe é exterior, o que implica dizer que a imagem é uma manifestação de uma forma-sujeito do discurso, um sujeito clivado que pertence a uma dada formação discursiva, logo, ela não é neutra e nem pode sê-lo.

Nessa perspectiva, no nosso gesto analítico, pensamos que a charge e a fotografia são atravessadas por discursos que vêm de fora e que ao serem atualizados, no fio do discurso, pela memória discursiva, produzem efeitos de sentido de luta e de resistência em defesa de uma classe.

Quando o político e o ideológico “gritam”

Pêcheux, nos seus textos fundadores, ainda escritos sob o pseudônimo de Thomas Herbert⁵, publicados em 1966 e 1968, levantou algumas discussões sobre a maneira de fazer ciência no campo

5 Michel Pêcheux publicou dois textos sobre o pseudônimo de Thomas Herbert, para tratar sobre questões que estavam diretamente ligadas às Ciências Sociais e ao modo de se fazer ciência à época em que ele iniciava o processo de criação da teoria do Discurso. Os textos são *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social*, publicado em 1966, e *Observações para uma teoria geral das ideologias*, datado de 1968. Trouxemos esses textos para fundamentar o nosso movimento analítico, uma vez que o autor explicita sobre o que compreende por ideologia(s) e seu funcionamento nos modos de produção das relações sociais.

das Ciências Sociais à época, explicitando sobre o que são as práticas técnica, política, ideológica, teórica e social. Neste momento, abordaremos as práticas política e ideológica, tomando a AD como uma ciência que tem o discurso como cerne e a partir do qual é possível compreendê-las.

O autor argumenta que o papel das práticas políticas é organizar as práticas técnicas (produto, instrumentos, resposta às demandas das práticas sociais bem específicas), por meio de seu objeto, que é a relação existente entre os homens, pensando na demanda social que sempre existiu. Essa prática tem por função transformar as relações sociais por meio do discurso, e não simplesmente de um discurso político, mas sim de decisões, todas elas, adquirindo um lugar na prática política.

De acordo com Henry (1993, p. 24), “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. Isso significa que o autor compreende o discurso e a AD, propriamente dita, como uma “aventura teórica”, já que há uma necessidade de a ciência partir do objeto científico, o discurso (falho, lacunar) para que, em seguida, ela se desenvolva em torno dele.

Sendo assim, pensar em discurso como instrumento, sobretudo como um instrumento que diz respeito às relações sociais e à prática política, é pensar nas relações de forças historicamente existentes nas relações sociais e que, cada vez mais, caminham juntos à era da cibernética e da velocidade, produzindo sentidos e rompendo com ideologias dadas.

O primeiro recorte é um *print* da página inicial da comunidade virtual já mencionada. Nele, a formulação verbal: “EuEmpregadaDoméstica: Nossa voz ecoa” vem acompanhada pela formulação visual (foto de perfil da página) de Laudelina de Campos Melo, fundadora do primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil,

em 1936. Laudelina, mulher negra, lutou não apenas pelos direitos trabalhistas das empregadas domésticas, mas também pelos direitos humanos, pois muitas delas, à época e ainda hoje, passavam/passam por diferentes tipos de assédios verbais ou até mesmo físicos.

A página do *Facebook* traz à baila todas essas questões por meio de depoimentos de mulheres que sofreram ou sofrem caladas por terem sido vítimas de humilhação por parte de suas patroas e patrões. A escolha da foto de perfil, representada por Laudelina, também conhecida como o “terror das patroas”, ressoa, por meio da memória discursiva, aquilo que se diz sobre ela, já que ela questionava e lutava por sua classe e, de certo de modo, “incomodava”. Sendo assim, a página vem para desestabilizar sentidos, na medida em que denuncia os maus tratos de diferentes ordens sofridas pela classe de trabalhadoras.



Recorte 1 – *Print* da página inicial da comunidade virtual

Fonte: Perfil do Facebook⁶

As fotos de capa e de perfil são a “porta de entrada” de qualquer perfil do *Facebook*. É por meio dos discursos que circulam nelas/por elas que os visitantes são interpelados a tomar uma posição diante daquilo que leem/veem, ou seja, elas “dão o tom” dos discursos que ali irrompem. Ao se deparar com eles, os sujeitos se identificam, contraidentificam ou ainda, podem se desidentificar (PÊCHEUX, 2014), com aquilo que é posto em circulação nesse espaço de produção de sentidos.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

A *hashtag* #EuEmpregadaDoméstica convoca, chama, “grita” para que essa classe de sujeitos se inscreva nessa luta e, mais que isso, para que o movimento ganhe visibilidade. Esse discurso é dirigido especialmente aos sujeitos que não (re)conhecem a realidade sobre a qual se fala. Ao se replicar no espaço digital, em qualquer ponto da rede, seja ele no *Facebook*, no *Instagram* ou no *Twitter*, por meio memória da máquina, os sentidos se deslocam, colaborando para romper com um conjunto de sistemas e representações já sedimentados na nossa formação social, sobre o que é ser empregada doméstica.

Para Dias e Coelho (2014), as *hashtags* funcionam como “indexadores”, que permitem aos usuários das redes sociais se reunirem de acordo com interesses comuns, ou seja, os sujeitos são convocados a assumir uma posição e ao compartilhar ou curtir um comentário, inscrevem seu dizer na mesma formação discursiva que já circula na/em rede.

O complemento “nossa voz ecoa” sinaliza para as vozes de todas as empregadas domésticas que sofrem humilhações de diferentes naturezas e que produzem “ecos” (a repetição da voz que luta) por meio das redes sociais. Trata-se de um “grito” que talvez não fosse permitido em outros lugares e que é potencializado pelo funcionamento da memória digital, pois a repetição do enunciado estabilizado, reproduzido e compartilhado, imbrica-se com os discursos que ressoam pela memória discursiva sobre Laudelina e sua representatividade na luta pelas empregadas domésticas brasileiras. O discurso de Laudelina convoca para a luta e para a resistência. A formulação visual de Laudelina, a nosso ver, não foi escolhida por acaso, mas propositalmente, na medida em que os sentidos sobre essa mulher sindicalista, negra, pobre produzem seus efeitos no eixo da formulação, pois aponta para a luta de classes, de proletárias, de mulheres

negras que ainda ocupam, apesar das conquistas, o lugar de escravas na nossa formação social:

A população negra foi confinada, entre outras práticas, à desumanização de escravizados de ontem e de hoje – ainda que a escravidão de hoje seja oculta e consequente de séculos de escravização de fato, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade e avançou pouco mais do que algumas mudanças de legislação, muito devido à negação de saberes, produção e potencial intelectual negra que foi, é e tem sido mais um caminho eficiente para mantê-la no lugar de subalternidade (BERTH, 2019, p. 60).

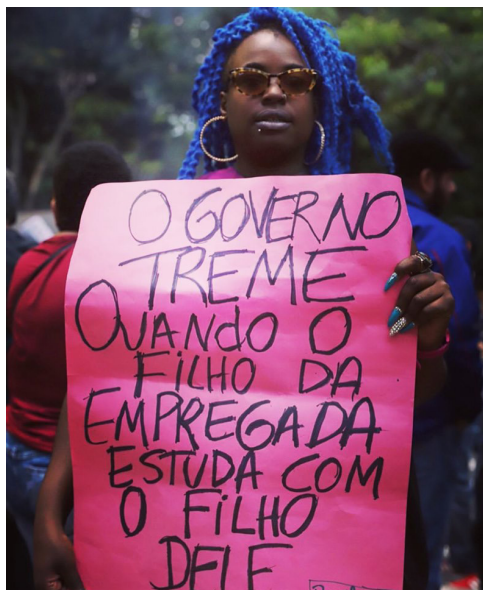
Essa maior invisibilidade em nossa sociedade, dos negros, conforme salienta Berth (2019), é consequência da articulação dos grupos subalternizados dentro do modelo social e por mais que discursos sobre a necessidade de extermínio do racismo circulem em nossa sociedade, ainda há muito preconceito, velado ou não, exteriorizado ou não, mas que atingem de maneira direta a parcela da população negra, especificamente a mulher, nas suas relações sociais.

A relação de força significada pelas empregadas domésticas: uma análise discursiva

Os movimentos de mulheres, no Brasil, têm ido além dos interesses voltados à igualdade de gêneros, pois junto deles caminha uma luta que vem sendo travada há muitos anos: a luta das classes sociais. Ou seja, a resistência se faz presente de diferentes formas em diferentes discursos, especialmente, no discurso de mulheres que têm ganhado maior visibilidade desde a eleição do atual presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro.

A fotografia recortada da comunidade virtual #EuEmpregadaDoméstica, do *Facebook*, faz parte de um *post* recente, que circulou em 15 de maio de 2019. Nela, pode ser observada a formulação visual da moderadora da página, Preta Rara, segurando um cartaz no qual está escrito: “O governo treme

quando o filho da empregada estuda com o filho dele”. Esse *post* teve mais de novecentas “reações” e trinta comentários.



Recorte 2 – Foto de Preta Rara em manifestação de rua

Fonte: Perfil do Facebook #Euempregadadoméstica⁷

Essas possibilidades de “reações” diante de uma determinada postagem sinalizam para a possibilidade de o sujeito corporizar seu discurso no ciberespaço, uma vez que, conforme Dias (2004, p. 140), “há uma inscrição do corpo na língua, o corpo acontecendo na significação [...] o ‘corpo sem órgãos’: a ‘corpografia’”.

Essa corpografia ocorre por meio das letras na tela ou, no caso do *Facebook*, por meio dos *emoticons*, *emojis* e *smileys*, que inscrevem o corpo do sujeito no discurso urbano digital, atestando o seu gesto de interpretação. Para Dias (2008), a corpografia é a inscrição do corpo na língua, pensando a escrita na *internet* como uma forma de simulacro que propõe, em seus traços, uma forma do pensamento. Como já afirmamos, o discurso imagético tem caráter de multiplicidade, pois é atravessado pela memória discursiva e, ao se tratar de uma fotografia, por exemplo, as escolhas não são neutras. Sendo assim, a formulação visual de uma mulher negra, ex-
7 Disponível em: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

empregada doméstica e também professora não foi aleatória, mas determinada pelas condições de produção do discurso fotográfico.

Essa fotografia foi “tirada” durante uma manifestação de rua, em que uma parcela da população de várias cidades do Brasil se posicionava contra o bloqueio de recursos para a educação anunciado pelo Ministério da Educação (MEC) nesse ano. Na época, os manifestantes, muitos professores e alunos, questionavam, também, o fato do atual Ministro da Educação, Abraham Weintraub, ter dito que as universidades são locais de “balbúrdia” e, de certo modo, ter usado esse argumento para sugerir o corte de bolsas nas universidades brasileiras.

A formulação visual da mulher negra “grita”, pois “representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)” (DAVALLON, 2015, p. 25). O efeito de sentido produzido pela fotografia é a de uma mulher negra lutando não somente pela classe das empregadas domésticas, mas também pela educação, pela sua profissão enquanto historiadora, pelo direito das pessoas, por meio dos estudos, atingirem seus objetivos sociais, patamares que antes não lhes eram permitidos.

Há um jogo de sentidos que se estabelece nessa materialidade discursiva e que decorre do entrelaçamento da formulação visual e a formulação verbal, pois no cartaz que Preta Rara empunha, está escrito: “O governo *treme* quando o filho da *empregada* estuda com o filho dele”. Essa formulação verbal ressoa sentidos de que à classe trabalhadora e, em especial, aos negros, não era dado o direito de ascender socialmente. Assim, ser negra e ex-empregada que frequentou uma universidade pública, tornando-se professora, sinaliza para a resistência desse grupo social. Além disso, produz o efeito de sentido de que o governo tem medo que o pobre estude, trabalhe

e realize sonhos. Esse discurso coloca em xeque muitas questões capitalistas e o próprio controle por parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado, como postulou Althusser (1970). O “O governo treme” funciona como um gesto metafórico, já que ele fica abalado, tem medo, desestabilizado com a possibilidade de o proletariado ter acesso à formação e ao conhecimento.

A última materialidade recortada é uma charge que circulou na mesma página, em que ocorre um deslizamento do sentido da palavra “comunidade”, dita pela empregada doméstica em substituição à “favela”, habitualmente utilizada pela maioria da população brasileira e compreendida, mais recentemente, como tendo um sentido estigmatizado. Na charge, o ideológico e o político funcionam juntos, uma vez que o efeito de sentido do discurso produzido pela classe rica, por meio da formulação verbal, “Eu **nunca** ouvi falar nesse mapa, **mas** o Lula preso é um avanço **extraordinário**”, aponta para o desconhecimento dos mais abastados financeiramente, sobre os problemas políticos que afetam o Brasil, sobre a necessidade de políticas públicas para que o país não esteja no mapa da fome, por exemplo.



Recorte 3 - Charge recortada da página #EuEmpregadaDoméstica

Fonte: perfil do Facebook⁸

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/euempregadadomestica/>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.

A adversativa “mas” encaminha o discurso para a introdução de um contra argumento, pois, apesar de a patroa não saber o que significa “mapa da fome”, considera a prisão do ex presidente Lula um feito “extraordinário”. Essa formulação verbal sinaliza para os embates dos discursos produzidos por aqueles que se inscrevem em formações discursivas contrárias, ou seja, aqueles que se alinham aos discursos de direita e aqueles que ancoram o dizer na FD oposta.

Imbricada à formulação verbal, as formulações visuais da patroa e da empregada encaminham para sentidos relacionados às relações de classes e ressoam, pelo funcionamento da memória discursiva, o “lugar” da patroa e da empregada doméstica no Brasil, ratificando o imaginário acerca de cada uma delas. A patroa é significada pela mulher rica, alta, de cabelos loiros e usando um casaco de pele e bolsa da *Louis Vuitton*, que apontam para o capitalismo e para o consumismo, em que demanda transforma-se em comanda.

O uniforme da mulher negra, em contraste com o luxo das roupas e acessórios usados pela mulher loira, sinaliza para as relações sociais, que se dão, inclusive, no/pelo trabalho e que são, antes de tudo, relações de exploração. O fato de a mulher da charge ser uma mulher negra e de mais idade produz o efeito de sentido de que o trabalho como empregada doméstica talvez seja o que lhe restou para além da juventude até a velhice. Desse modo, a empregada é a mulher negra, moradora da periferia, que vive numa espécie de “escavidão remunerada”, para citar Djamila Ribeiro.

Portanto, atravessada pela historicidade que é constitutiva do discurso, a charge significa porque aponta para outros dizeres que são atualizados no fio do discurso e que irromperam em outros momentos, como na época da escravidão, por exemplo, mas que ainda produzem seus efeitos na nossa formação social.

Efeito de fechamento

Tendo em vista que para a teoria materialista do discurso o sentido não se fecha e pode sempre ser outro, nos propusemos, neste trabalho, investigar por meio da análise de uma fotografia e de uma charge, recortadas da comunidade virtual do *Facebook* intitulada #EuEmpregadaDoméstica, a relação que se estabelece entre as diferentes materialidades significantes no processo de produção de sentidos. Por esse viés, compreendemos o ciberespaço como o lugar em que esses discursos irromperam e se replicaram pelo funcionamento da memória digital, na qual concorrem memória metálica e memória discursiva.

No nosso movimento analítico, consideramos que, tanto a fotografia como a charge são textos que entrecruzam diferentes materialidades significantes e que convocam os sujeitos a se identificarem (ou não) com a formação discursiva de uma das minorias que luta por igualdade. Nas materialidades discursivas analisadas, trava-se um embate entre duas classes sociais: a patroa e a empregada, assim como entre os discursos da professora negra (ex-empregada doméstica) que luta pela garantia dos direitos do proletariado e os dizeres da patroa, que inscreve o discurso na formação discursiva que sustenta o governo de direita.

Esse embate se dá pelo retorno de discursos que estão “esquecidos” no interdiscurso e que ao serem atualizados, no eixo da formulação, pelo funcionamento da memória discursiva, acabam produzindo o efeito do nunca dito antes, produzindo a (des-)estabilização de sentidos. Essa (des-)estabilização se dá pela repetição no espaço digital, pois, nele, os discursos são replicados e se reproduzem muito velozmente, abrindo espaço para pensar como memória discursiva e memória metálica funcionam.

Após o nosso movimento de análise, podemos (re-)afirmar a importância da AD para compreender os textos que circulam no espaço digital, pois essa teoria permite não apenas ler aquilo que está na superfície, mas também aquilo que está além daquilo que foi dito/visto e que significa pela história e pela memória. Nas materialidades discursivas recortadas, as relações sociais estão bem marcadas, assim como os lugares ocupados pelos sujeitos: a patroa é a loira e rica e a empregada é negra e pobre, perpetuando um discurso que possivelmente remonta à colonização, mas que ainda produz seus efeitos nos dias de hoje.

Por fim, podemos dizer que os discursos que se materializam no recorte que fizemos, funcionam, sobretudo, como um discurso de resistência, pois, neles, ganham visibilidade as relações sociais, que são, antes de tudo, relações de exploração, uma vez que colocam a mulher negra no lugar de empregada doméstica, privando-a de direitos há muito tempo conquistados.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CAVALVANTI, Cristiane Renata da Silva; AZEVEDO, Nadia Pereira Golçalves. O triplex: a imagem como operadora de memória discursiva em charges. In: *RUA* [online]. n.º. 24. v. 1, p. 237-253. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8652441>. Acesso em: 1 de jul. de 2019.

COELHO, André Luis Portes Ferreira. “*Brace yourselves, memes are coming*”: formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Campinas, SP: IEL/UNICAMP, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Campinas, 2014.

- COURTINE, Jean Jacques. *Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: Edufscar, 2009.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean, DURAND, Jean-Louis; et al. *Papel da Memória*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- DIAS, Cristiane. *Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2018.
- _____. A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação. In FLORES, G.G.B. et al (orgs). *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Editora Pontes, 2015. p. 279-291.
- _____. Memória metálica. *Enciclopédia virtual da Análise do Discurso e áreas afins*. Brasil:2016. Campinas: UffTUBE. 2016. [vídeo]. (312 minutos). Disponível em: <<http://ufftube.uff.br/video/ADGOD4HW8KHO/Memória-Metálica--Cristiane-Dias>> Acesso em: 20/08/2017.
- _____. *E-Urbano: a forma material no eletrônico no urbano*. In DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]*. LABEURB/NUDECRI, UNICAMP: Campinas, 2011.p.12-24.
- _____. *A discursividade na rede (de sentidos): a sala de bate papo hiv*. Tese de doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- HERBERT, Thomas. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social. 4. ed. In: *Análise do Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, 2014. p. 21-54.
- _____. Observações para uma teoria geral das ideologias. *Revista Rua*. Campinas, v. 1, n. 1. p. 63-89, 1995.
- HENRY, Paul. Os funcionamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). 5. ed. In: *Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). *Memória e História na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.
- LAGAZZI, Suzy. O Recorte e o entremeio: condições para a materialidade significativa. In RODRIGUES, Eduardo Alves. et al (orgs). *Análise de Discurso no Brasil: Pensando o impensado sempre uma homenagem a Eni Orlandi*. Campinas: Editora RG, 2011. p. 401-410.
- _____. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda. et al (orgs). *O Discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 67-78.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Editora Pontes, 2012.
- _____. *Cidade atravessada: Os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *Efeitos do verbal sobre o não verbal*. In: Revista Rua. Campinas: Editora Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. *Papel da memória*. 4. ed. Campinas: Editora Pontes, 2015. p. 43-51.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

Submissão: 31 de outubro de 2019.

Aceite: 19 de novembro de 2019.